

ROBERT BRYNDZA

**SILÊNCIO
MORTAL**

ROBERT BRYNDZA

SILÊNCIO
MORTAL

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

Para Janeken Skywalker, o meu primeiro leitor

*Deves ser soberbo, ousado, amável, resoluto,
E apunbalar, às vezes, se a ocasião surgir.*

Christopher Marlowe, *Eduardo II*

Prólogo

QUINTA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 2007

Jean Julings ajoelhou-se dentro da pequena tenda e aconchegou o seu neto de três anos, Charlie, no seu saco-cama. Tinha uma cabeleira desgrenhada louro-clara e o seu rosto estava corado de cansaço devido ao ar fresco e à diversão. Agarrava-se a um pequeno urso de peluche castanho a que faltava um olho.

– Tiveste um dia divertido com a avó? – perguntou Jean. Charlie anuiu, sonolento, e sorriu, mostrando os seus perfeitos dentes de leite brancos. – Lindo menino. E o *Olho de Botão* escovou os dentes?

– De cima e de baixo – respondeu Charlie, erguendo o urso de peluche. Jean riu-se, e o seu coração dilatou-se de amor pelo rapazinho.

– Muito bem. É muito importante para um urso de peluche escovar os dentes. Come todo aquele mel... – Os seus joelhos estalaram ao sentar-se nos calcanhares e estendeu a mão para o pequeno candeeiro a pilhas, que projetava um suave brilho amarelo.

– Não, luz acesa – queixou-se Charlie. O seu pequeno sobrolho franziu-se e ele esperneou dentro do saco-cama. Jean apagou a luz e um suave brilho permaneceu no interior. Estava lua cheia, e brilhava através da lona.

– Olha só para aquilo. Não precisamos de luz. Temos a luz de presença de Deus no céu – disse Jean, acariciando-lhe os suaves

cabelos louros. – Não é tão assustador quando a Lua está assim tão brilhante à noite, pois não?

Charlie abanou a cabeça e aconchegou *Olho de Botão* debaixo do braço.

– Vou só lá fora apanhar um pouco de ar fresco – disse ela, apalpando os seus calções e sentindo o maço de cigarros e o isqueiro no bolso esquerdo.

– Não...

– Serão só alguns minutos. Depois, volto para dentro e conto-te uma história, se ainda estiveres acordado. Está bem? Estarei lá fora, e podes chamar «Avó» e eu oiço-te e volto para dentro. Sim?

Charlie aquiesceu.

– Lindo menino. – Jean deu-lhe um beijo na face e, enquanto rastejava para fora da tenda, viu que os olhos de Charlie começavam já a fechar-se. Tinha passado o dia todo em movimento, a brincar e a chapinhar no rio. Ia adormecer num instante.

Jean esgueirou-se pela entrada da tenda para a alta e emaranhada vegetação do exterior e correu o fecho atrás de si. A tenda estava montada sob a ampla copa de um vasto e antigo carvalho, e os seus grossos ramos nus estendiam-se como braços nodosos, projetando sombras deformadas na relva. Jean levantou-se, ouvindo os seus joelhos estalar novamente. Tirou um cigarro e acendeu-o, exalando para o céu noturno. As estrelas cintilavam no céu, e ouvia o rio correr para o desfiladeiro. Parecia mais ruidoso à noite. A charneca estendia-se como um manto de cetim azul, pontilhada por rochas, e uma ligeira bruma agarrava-se aos canais e às terras baixas.

Diretamente à sua direita, do outro lado de uma curta extensão de vegetação, o Devil's Tor erguia-se sobre tudo. Apesar da sua altura imponente, a pilha de rochas parecia muito *zen* e calma, como se um gigante tivesse empilhado um monte de grandes pedras lisas sobre uma plataforma relvada. Na base, e à sombra do luar intenso, encontrava-se outra tenda, pertencente à filha de Jean, Becky, e ao seu companheiro, Joel. A lona estava escura, e pareciam já estar a dormir.

Céus, este sítio é lindo, pensou ela. Quando acabou o cigarro, apagou-o cuidadosamente na sola do sapato e enfiou a beata enegrecida no maço. Estava prestes a voltar para a tenda quando ouviu uma voz ténue chamar o seu nome.

– Jean!

Viu uma figura desgrenhada aparecer atrás do Tor e entrar, cambaleante, numa mancha de luar sobre a plataforma relvada.

– *Jeeean!*

Era Declan, o seu companheiro ocasional de muitos anos. Jean praguejou baixinho e confirmou que a tenda estava fechada. Dominada pela urgência, atravessou rapidamente a erva alta, apavorada com a possibilidade de Declan acordar a família e armar uma cena.

A correr, subiu o talude relvado até à plataforma para tentar impedi-lo de descer, e estava sem fôlego quando o alcançou. Declan vestia as mesmas calças de ganga rasgadas e a *T-shirt* às riscas de quando aparecera junto ao rio nessa tarde.

– Que raio estás tu a fazer? Disse-te esta tarde que não eras bem-vindo aqui! – silvou ela.

Ele sorriu, e um laivo dos seus dentes amarelos surgiu por entre a barba espessa. Jean teve uma fria sensação de pavor ao ver que ele trazia uma garrafa de uísque, com apenas alguns centímetros de líquido âmbar no interior. Declan cambaleou, levando-lhe a garrafa à boca para a tentar fazer beber.

– Não! – disse ela, afastando-a com uma palmada. – O Charlie está a dormir, tal como a Becky e o Joel.

– Eu sei – respondeu ele, estendendo a mão para lhe agarrar os seios. Cambaleou para a frente, empurrando-a de novo para as sombras contra as altas pedras do Tor. Jean conseguia sentir o seu hálito azedo e desagradável enquanto se encostava a ela. Conseguiu empurrá-lo e libertar-se, saindo novamente para o luar. Ele pareceu surpreendido. – Já não tens mesmo graça nenhuma, agora que estás sóbria... – Levou-lhe a garrafa à boca, mas ela afastou-lhe a mão. Não estava assustada. Já não tinha medo dele. Jean sentia uma feroz necessidade de proteger Charlie de Declan. Agarrou na garrafa e, torcendo-a, tirou-lha da mão, ignorando os seus protestos.

– Onde está o teu carro? – perguntou. Ele revirou os olhos e apontou vagamente para o outro lado da plataforma relvada, franzindo os lábios. Jean agarrou-o pelo colarinho e arrastou-o à volta do Tor.

– Calma, *calma!* – gritou ele.

Um pequeno parque de estacionamento no matagal do outro lado do Tor dava para uma estrada de gravilha. Jean viu o desconjuntado

Renault azul de Declan estacionado no meio. O motor ainda estava ligado e a porta do condutor estava aberta.

– Posso ver-te amanhã? – perguntou ele, enquanto ela o arrastava pela agora mais rasa encosta relvada até ao carro.

– Não. Já te disse. Acabou. Não temos mais nada.

A alguns metros do carro, ele tropeçou na superfície rochosa irregular e bateu com o nariz no chão. Soltou um gemido. Jean recuou e ficou impassivelmente a ver se ele se levantava. Cambaleante, Declan fixou nela um maldoso olhar vítreo e aproximou-se novamente.

– Ouvi a cabra da tua filha na tenda, a *foder* – disse ele, torcendo o rosto num rosnido. – Parecia estar a gostar... mais do que tu, de certeza.

Jean deu-lhe uma bofetada, e ele retribuiu esbofetando-a com as costas da mão. Ela cambaleou e caiu, aterrando na rocha dura. Viu como Declan cambaleava, impassível. Tinha o lado do rosto a arder, e levou a mão ao lábio. Não havia sangue, mas tinha os ouvidos a tinir. Não era o pior que ele lhe tinha feito.

Jean sentiu raiva. Pura raiva. Levantou-se, agarrou no que restava de cabelo na parte de trás da cabeça de Declan e empurrou-o pela porta aberta para dentro do carro.

– Onde estão as tuas chaves?

– O quê? – queixou-se ele.

Ela vasculhou-lhe rudemente os bolsos e tirou as chaves do carro.

– Não me vou embora – disse Declan, cruzando os braços.

– Vais, pois. E vais já. Estamos a meio da noite.

– Tens algo que se beba?

– Não.

– És uma cabra feia – disse ele.

– E tu és um flácido desperdício de espaço. – Disse-o com intenção de o magoar, mas ele sorriu e desatou a rir, com os seus dentes amarelos a surgir de novo por entre a barba.

– Que horas são?

– O bar ao cimo da estrada vai dar uma festa privada, disse-me alguém daqui. Talvez chegues a tempo, se te despachares – disse ela, sentindo um rasgo de inspiração. Não podia acreditar que ele tinha engolido aquilo, mas Declan era um alcoólico crónico.

Fechou a porta do carro, e ela viu como o seu zelo por álcool assumia o controlo. Ligou os faróis e, enquanto o carro guinava ao fazer uma curva, a erva alta ficou fugazmente iluminada. Jean teve a impressão de ver algo a mover-se nas sombras, mas depois desapareceu.

– Por favor, meu Deus, que ele morra numa sarjeta. Que não magoe mais ninguém a não ser ele – pediu. Jean viu como os faróis desciam a estrada e depois desapareceram. O alívio inundou-a e os seus ombros descaíram. Ergueu a mão para a face dorida. O rugido do rio parecia mais alto na escuridão.

Charlie, pensou. Jean apressou-se a contornar o Tor e a descer pelo outro lado da encosta. Quanto tempo tinha ele ficado sozinho? Apenas alguns minutos. Tudo estava em silêncio no campo. Uma coruja piava, os ramos da enorme árvore rangiam à brisa suave, e as duas tendas estavam imóveis.

Ao aproximar-se da sua tenda, a luz de presença acendeu-se no interior. O alívio inundou-a ao contorná-la e ver que a sua filha Becky punha a cabeça de fora. Estava em pijama e com o rosto limpo de maquilhagem. Tinha o sobrolho franzido de preocupação.

– Mãe, o Charlie está contigo? – perguntou ela.

– Não está na tenda? – contrapôs Jean, sentindo o pânico regressar.

– Não.

Jean passou por ela e olhou para o interior. Os sacos-cama estavam ambos vazios, e sentiu o coração cair-lhe aos pés.

– Deve estar com o Joel – sugeriu, ao voltar e ver a expressão preocupada de Becky.

– Não, mãe, não está. Pareceu-me ouvi-lo do lado de fora da nossa tenda. Foi por isso que o vim procurar. Porque não estás com ele?

– Fui fumar um cigarro. Foi só um minuto – disse Jean. A mentira a sair-lhe da boca sem qualquer preparação necessária.

– E se ele foi para o rio? Não sei se choveu, consegues ouvir o barulho da água? – perguntou Becky. A sua voz tinha um laivo de histeria.

– Vamos procurar. O Charlie não pode ter ido para longe – disse Jean, tentando manter a calma. O facto de Becky estar mais assustada do que zangada amedrontava-a.

Becky acordou Joel, e todos agarraram em lanternas e começaram a procurar, cobrindo o rio, as rochas do Tor e os campos circundantes. Os arcos de luz das suas lanternas varriam a paisagem escura, procurando. O rio estava mais alto do que no dia anterior e, enquanto Jean apontava a sua lanterna à negra e furiosa torrente, e gritava o nome de Charlie, a sua voz pareceu ser engolida pela escuridão. Sentiu-se doente à medida que os minutos passavam, tornando-se uma hora e depois duas. Charlie não estava em lado nenhum. Por volta das quatro da madrugada, o céu começou a clarear, e foi então que chamaram a polícia.

Enquanto o Sol nascia sobre a charneca, um carro da polícia chegou, seguido por outros dois.

Começaram as buscas a sério, mas Charlie nunca foi encontrado.